

A TRADUÇÃO NO ECOSISTEMA COMPUTACIONAL E A EMERGÊNCIA DO *PROMPTISMO* COMO COMPETÊNCIA PROFISSIONAL

Catarina Jesus de Carvalho*
Fabiana Brandão Silva Amorim**

Resumo: O presente artigo investiga a transposição da lógica tradutória para os ecossistemas computacionais contemporâneos, com foco na emergência do *promptismo*, atividade associada ao uso da Inteligência Artificial generativa. A pesquisa parte da hipótese de que a escrita de *prompts* eficazes constitui uma nova forma de letramento digital, capaz de reorganizar práticas tradicionais dos profissionais da linguagem. Metodologicamente, o estudo realiza uma análise teórico-crítica de caráter qualitativo, fundamentada em autores da teoria da tradução e dos estudos da linguagem, como Jakobson (1959), Benjamin (1984), Venuti (2008), Barrena (2004) e Cronin (2013), articulada a documentos formativos e relatórios recentes sobre engenharia de *prompts*. A investigação examina como essa competência vem sendo requisitada em novas configurações de trabalho, especialmente em áreas como marketing, ensino multilíngue e produção de conteúdo mediado por Inteligência Artificial. Os resultados indicam que o *promptismo* reconfigura funções tradicionalmente associadas ao tradutor, aproximando-se de práticas como a pós-edição, a curadoria discursiva e a mediação intersistêmica entre intenção humana e processamento algorítmico. Conclui-se, contudo, que essa competência permanece marcada por lacunas formativas e pela ausência de integração sistemática nos currículos das ciências da linguagem.

Palavras-chave: Tradução. *Promptismo*. Letramento digital.

Abstract: This article investigates the transposition of translational logic into contemporary computational ecosystems, focusing on the emergence of promptism, an activity associated with the use of generative Artificial Intelligence. The study is based on the hypothesis that effective prompt writing constitutes a new form of digital literacy capable of reorganizing traditional practices of language professionals. Methodologically, the research adopts a qualitative, theoretical–critical approach grounded in key authors from translation theory and language studies, such as Jakobson (1959), Benjamin (1984), Venuti (2008), Barrena (2004), and Cronin (2013), articulated with training documents and recent market reports on prompt engineering. The analysis examines how this competence has been increasingly demanded in new work configurations, particularly in areas such as marketing, multilingual education, and AI-mediated content production. The results indicate that promptism reconfigures functions traditionally associated with translators, approximating practices such as post-editing, discursive curation, and intersystemic mediation between human intention and algorithmic processing. The study concludes, however, that this competence is unevenly distributed, remaining marked by educational gaps and by the lack of systematic integration into language studies curricula.

Keywords: Translation. Promptism. Digital literacy.

* Graduada em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, Bahia, Brasil. E-mail: cjcarvalho.lea@uesc.br, ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-3224-0799>

** Graduada em Letras/Espanhol e Mestre em Estudos Literários, ambos pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG). Professora assistente de Língua Espanhola e suas Literaturas, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, Bahia, Brasil. E-mail: fbsamorim@uesc.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9389-766X>

Introdução

Imagine uma professora de português que, além de planejar suas aulas, passa a instruir um sistema de Inteligência Artificial (IA) para adaptar atividades conforme o perfil linguístico e cognitivo de cada turma. Ou uma tradutora encarregada de adaptar o manual técnico de um aplicativo de saúde mental que passa a orientar uma IA generativa para reescrever sua tradução em diferentes registros — informal para adolescentes, neutro para profissionais da saúde —, preservando tom, função comunicativa e referências culturais. Essas tarefas, que antes exigiam essencialmente domínio linguístico, agora mobilizam também a capacidade de estruturar instruções claras, funcionais e otimizadas para modelos computacionais, com o objetivo de transferir para a automação partes do trabalho que tradicionalmente consumiam tempo com execução técnica.

Esse tipo de prática tem se tornado cada vez mais comum nos setores de comunicação, educação e curadoria de conteúdo. O avanço da inteligência artificial generativa não apenas automatizou tarefas repetitivas, mas também reposicionou o valor simbólico da linguagem: da execução técnica para a concepção estratégica. Nesse novo cenário, ganha destaque uma competência emergente conhecida como *promptismo*, a habilidade de redigir instruções eficazes para sistemas baseados em linguagem natural.

No campo da Inteligência Artificial, segundo Aguiar e Santana (2023), esse conceito é operacionalizado pelo Processamento de Linguagem Natural (PLN), definido como uma vertente da IA voltada a permitir que sistemas computacionais compreendam, interpretem e manipulem a linguagem humana. O PLN resulta da integração entre a ciência da computação e a linguística computacional, buscando “preencher a lacuna entre a comunicação humana e o entendimento dos computadores”. A linguagem humana é tratada como um fenômeno estratificado, cuja interpretação envolve diferentes níveis de processamento. Conforme sistematiza Stefanini (2019), esses níveis incluem desde aspectos mais formais, como o processamento fonológico, morfológico e sintático, até camadas interpretativas mais complexas, como o nível semântico, discursivo e pragmático, responsável pela inferência de sentidos implícitos e intenções comunicativas.

Diferentemente das inteligências artificiais convencionais, baseadas em sistemas de regras fixas ou aprendizado supervisionado com tarefas específicas, os modelos generativos

operam a partir de arquiteturas de *deep learning* (aprendizado profundo) capazes de produzir novos conteúdos, como textos, imagens e códigos, a partir de padrões aprendidos em grandes volumes de dados. De acordo com Ludermir (2021), essa mudança estrutural se materializa nos chamados modelos de linguagem de grande porte (*Large Language Models* — LLMs), como o GPT-4, treinados para prever a próxima palavra em uma sequência com base em probabilidades estatísticas e contextos extensos.

O funcionamento autoregressivo desses sistemas, isto é, sua capacidade de gerar palavra por palavra com base na anterior confere uma aparência conversacional à interação, mas não elimina a natureza algorítmica da resposta. Na prática, interagir com um modelo como o ChatGPT significa construir um enunciado suficientemente claro, contextualizado e estratégico para que o sistema produza uma resposta coerente com a intenção do usuário. É nesse contexto que o *promptismo* emerge como prática comunicacional específica de instruir sistemas, demandando novas formas de letramento crítico e discursivo (Cronin, 2013).

Metodologia

Este artigo parte da hipótese de que o *promptismo* pode ser compreendido como uma habilidade emergente no âmbito do letramento digital (Soares, 2004), que aborda a lógica tradutória inscrita no campo mais amplo das mediações simbólicas contemporâneas. O objetivo é investigar em que medida a escrita de *prompts* se aproxima da prática tradutória em sua função comunicativa e quais as implicações dessa configuração para os campos de formação e atuação em Linguística Aplicada, Tradução e Comunicação. O foco recai sobre a linguagem como tecnologia de mediação simbólica para ambientes computacionais, especialmente no que se refere à reorganização do mercado de trabalho e à distribuição desigual dessa nova competência no interior das formações acadêmicas.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza teórico-bibliográfica e analítico-interpretativa. O *corpus* analítico articula autores fundamentais da tradução, como Jakobson (1959), Benjamin (1984), Berman (1999) e Venuti (2008), e dialoga com contribuições que analisam a relação entre linguagem, Inteligência Artificial e mediação computacional, como Ludermir (2021), no que se refere às bases técnicas da IA generativa; e

Souza (2023), no que diz respeito à função comunicativa e criativa da mediação linguística. São também considerados estudos aplicados que discutem a inserção da IA em contextos profissionais e educacionais, como Dantas (2024) e Gonçalves (2023), utilizados como exemplos ilustrativos das transformações em curso no campo da linguagem.

Complementarmente, a pesquisa aborda documentos formativos e relatórios de mercado publicados em 2023 por organizações como Grand View Research (2023), ProfileTree (2023a; 2023b) e Coursera/Google (2023), que fornecem dados sobre o crescimento do setor de *prompt engineering* e a crescente demanda por essa competência em diferentes áreas profissionais. A discussão desenvolve-se por meio da comparação interpretativa entre esses materiais, buscando identificar continuidades, deslocamentos e tensões entre a lógica tradutória tradicional e as práticas contemporâneas de mediação humano-máquina, particularmente no que se refere à reconfiguração do trabalho do tradutor e de outros profissionais da linguagem.

O artigo está dividido em sete seções. Após esta introdução, a seção 2 apresenta o conceito de *promptismo* como competência emergente e sua relação com o letramento digital. A seção 3 discute a linguagem como tecnologia simbólica de mediação. Em seguida, a seção 4 analisa a transposição da lógica tradutória para os sistemas algorítmicos. A seção 5 discute os efeitos dessa reconfiguração sobre os perfis profissionais nas áreas de linguagem. A seção 6 propõe uma reflexão crítica sobre as implicações éticas e educacionais do fenômeno. Por fim, a conclusão retoma a hipótese à luz dos argumentos desenvolvidos e propõe caminhos para a formação de mediadores linguístico-computacionais.

O *promptismo* como nova competência na era digital

Nas últimas décadas, o avanço da inteligência artificial generativa deslocou parte do valor cognitivo e simbólico, antes centrado na execução técnica, para a concepção estratégica da linguagem. Segundo o curso “*Start Writing Prompts like a Pro*” (“Comece a Escrever *Prompts* como um Expert”), promovido pelo Google na plataforma Coursera, “*prompting*” é o processo de formular instruções claras e específicas para que a IA realize tarefas como organização de reuniões, análise de dados ou geração de e-mails personalizados, por exemplo. É nesse contexto que surge o termo *promptismo*, aqui compreendido como uma competência

emergente que articula criatividade, lógica textual e mediação simbólica na formulação de comandos compreensíveis para sistemas computacionais.

Seguindo as etapas do curso, a prática de escrever *prompts* é centrada em cinco etapas: tarefa, contexto, referências, avaliação e interação, e pressupõe uma comunicação contínua com a máquina, ajustando instruções para melhorar os resultados. Diferentemente de comandos computacionais tradicionais, os *prompts* operam como enunciados discursivos que articulam intenção, contexto e estrutura textual. O curso ressalta os benefícios da IA generativa para aumentar a produtividade e oferecer vantagem competitiva no ambiente de trabalho, uma proposta de simplificação e aceleração das tarefas que também impõe um novo regime de eficiência, pautado na urgência de “não perder tempo” e produzir mais. Nesse sentido, poderia o *promptismo* ser simultaneamente uma ferramenta de mediação simbólica e um vetor de padronização produtivista?

O *promptismo* passaria a ocupar o estatuto de competência crítica, tanto pela sua centralidade na produção automatizada quanto pelas implicações sociais, éticas e cognitivas que ele acarreta. A elaboração de *prompts* eficazes exige clareza argumentativa, antecipação contextual e domínio discursivo, portanto a curadoria linguística torna-se determinante nos *outputs*, ou seja, nas respostas geradas automaticamente pelas IAs (De Paula, 2025). No campo da criação visual, plataformas como PromptBase e PromptHero vêm consolidando um mercado informal de instruções textuais comercializadas como insumos para a geração de imagens consistentes. De acordo com Eymar (2023), essa prática configura-se menos como operação técnica e mais como modalidade de design de linguagem, na qual o sujeito orienta sistematicamente a máquina para obter resultados precisos, indicando parâmetros como estilo visual, iluminação, estrutura narrativa e coerência estética.

Segundo a Grand View Research (2023), o mercado global de engenharia de *prompt* foi estimado em US\$ 222,1 milhões em 2023, com previsão de atingir US\$ 2,06 bilhões até 2030. Já a Polaris Market Research (2025) projeta um volume ainda maior, alcançando US\$ 2,5 bilhões até 2032. Esse crescimento acompanha a consolidação de ferramentas como ChatGPT, Midjourney, DALL-E e Stable Diffusion, que popularizaram a geração de textos, imagens e códigos a partir de linguagem natural. No entanto, o uso dessas tecnologias não é autossuficiente: a qualidade dos resultados gerados está diretamente ligada à clareza, precisão e relevância das instruções que lhes são fornecidas (De Paula, 2025).

O termo “engenharia de *prompts*” pode sugerir um saber puramente técnico, mas, na prática, ele envolve uma série de decisões interpretativas e culturais. Como argumentam Nunes e Silva (2024), o sucesso da interlocução com IAs depende de mediações entre códigos, intenções, contextos e expectativas — uma operação fundamentalmente simbólica. O *promptismo* mobiliza, assim, competências comunicativas que pertencem historicamente ao universo da tradução e da mediação cultural, tais como a capacidade de lidar com ambiguidade, reconhecer variações pragmáticas, adaptar registros discursivos e interpretar sentidos implícitos.

Desde a Antiguidade greco-romana, o ofício da tradução já suscitava debates sobre fidelidade ao texto original ou adequação cultural ao público-alvo. Cícero, por exemplo, já distinguia entre uma tradução literal (*verbum pro verbo*); e uma tradução orientada pelo efeito retórico e comunicativo (*sensum de sensu*), defendendo que o tradutor deveria agir “não como intérprete, mas como orador” (Cícero, 1949). Esse dilema ressurgiu nos séculos posteriores, atingindo novo fôlego no século XX, com teóricos como Antoine Berman e Lawrence Venuti. Berman (1999) defende o princípio do estrangeiramento como estratégia ética e política, ao preservar traços culturais do original que resistem à assimilação plena. Já Venuti (2008) introduz a noção de “invisibilidade do tradutor”, para criticar as práticas que apagam a agência tradutória em nome da fluência. Em ambos os casos, a tradução é vista não apenas como transferência linguística, mas como negociação entre regimes de sentido.

Essa perspectiva aproxima-se da função comunicativa da tradução discutida por Jakobson (1959), segundo a qual a tradução deve priorizar o efeito de sentido, isto é, a função semiótica que o texto desempenha no contexto de recepção. Essa função comunicativa exige sensibilidade textual, cultural e pragmática, qualidades que historicamente definiram o trabalho do tradutor. Hoje, essas mesmas habilidades são deslocadas para os sistemas computacionais: a mediação textual precisa ser planejada não só para um leitor humano, mas também para uma arquitetura algorítmica que interpreta comandos. A figura do tradutor, assim, passaria a operar na curadoria semântica entre linguagem natural e funcionamento lógico-computacional.

A crescente valorização dessa competência em campos como curadoria digital, ensino multilíngue, design narrativo e marketing orientado por IA exige, portanto, um olhar crítico para além da eficiência técnica. Mais do que uma nova habilidade operacional, o *promptismo* introduz desafios formativos, políticos e epistemológicos que tocam diretamente os estudos da

linguagem, da educação e da cultura digital. A próxima seção examina justamente a base conceitual dessa transformação, tomando a linguagem não como simples código, mas como tecnologia simbólica de mediação entre mundos, sistemas e saberes diversos.

A linguagem como tecnologia de mediação simbólica

A emergência do *promptismo* como competência comunicacional em ecossistemas computacionais nos sugere repensar a própria natureza da linguagem como tecnologia simbólica de mediação. Em sua dissertação, Souza (2023) argumenta que a linguagem é uma forma de tecnologia relacional, pois estrutura modos de existência e de acesso aos saberes, articulando múltiplos universos de sentido. Trata-se, assim, de uma tecnologia não material, mas profundamente operativa, capaz de conectar sujeitos e sistemas, traduzindo intencionalidades e modulando interações sociais, institucionais e, no caso contemporâneo, algorítmicas.

A noção de linguagem como tecnologia se distancia das concepções instrumentais que a reduzem à mera codificação e decodificação de mensagens. Para autores como Pierre Lévy (2000), as práticas linguísticas estão na base da construção do conhecimento coletivo e da organização social. Nesse sentido, o domínio de novas formas de linguagem como os *prompts* não é apenas um requisito técnico, mas um ato de inscrição em um novo regime de produção de sentido. Escrever para máquinas, hoje, é produzir linguagem em condições computacionais: significa operar no limiar entre cognição humana e cálculo estatístico, e, nesse processo, passar a integrar o novo paradigma interacional instaurado pela era das inteligências artificiais para se tornar também a chave de negociação com sistemas algorítmicos que organizam grande parte da vida social contemporânea.

É nesse ponto que a função comunicativa da linguagem discutida por Souza, na seção 2.3 (2023) ganha centralidade. A autora destaca que o tradutor não busca uma equivalência literal entre línguas, mas sim uma eficácia comunicativa, ajustando o enunciado à finalidade, ao público e ao contexto. Essa lógica é diretamente transposta para a escrita de *prompts*: o objetivo não é “dizer” algo à IA, mas fazer com que ela produza algo que satisfaça uma intenção

previamente formulada. A linguagem, nesse caso, atua como mediadora entre desejo e resultado, entre intencionalidade e ação algorítmica.

Como explica Ludermir (2021), a interação humano-máquina é mediada por parâmetros estatísticos, e os resultados produzidos dependem de *inputs* legíveis segundo regras internas de processamento. Essa exigência gera novas formas de pragmática, em que o sujeito precisa prever como a máquina “entenderá” seu enunciado, operando uma espécie de metacomunicação. O humano, nesse sentido, torna-se editor da própria linguagem, ajustando a semântica e a sintaxe para compatibilizar sua intenção com a estrutura de inferência da IA. Essa capacidade é tanto técnica quanto interpretativa e se aproxima de uma prática tradutória intersistêmica: uma tradução entre modos de operar linguagem, mais do que entre línguas naturais.

É justamente esse aspecto que reposicionaria o papel da linguagem nos sistemas de IA, deixando de ser uma mera interface para tornar-se infraestrutura da interação. A clareza dos comandos, a adequação dos termos e a construção lógica das instruções determinam não apenas o sucesso do diálogo com a máquina, mas também a eficiência, a segurança e a ética de sua operação. Como destaca Ludermir (2021), qualquer sistema de aprendizado de máquina supervisionado depende de *inputs* humanos de qualidade, o que implica sensibilidade contextual, curadoria semântica e responsabilidade comunicativa.

Entretanto, esse regime simbólico de interação ainda não é amplamente discutido nos espaços de formação em linguagem. Os estudos da linguagem, a pedagogia crítica e os currículos de Letras e Comunicação têm, muitas vezes, permanecido alheios à discussão sobre como a linguagem estrutura a interface humano-algoritmo. Surge aqui uma lacuna importante: quem forma os formadores dessa nova mediação? Como os currículos podem incorporar esse olhar tecnolinguístico sem instrumentalizar o ensino da linguagem?

Além disso, permanece ausente da literatura — e esse é um ponto de pesquisa futura — uma sistematização dos tipos de “falha comunicativa” na mediação com IA. O que configura um *prompt* mal escrito? Por que certas instruções são interpretadas de forma enviesada ou equivocada? O estudo da linguagem computacional ainda carece de categorias pragmáticas claras que permitam avaliar o grau de ambiguidade, ruído e subentendimento que se produz nesse novo circuito semiótico.

A lógica tradutória no ambiente computacional

A escrita de *prompts* pode ser compreendida como uma atualização da lógica tradutória para o universo computacional. Como já apontava Roman Jakobson (1959), há diferentes modalidades de tradução: interlinguística (entre línguas naturais); intralinguística (dentro da mesma língua); e intersemiótica (entre sistemas de signos). A proposta deste artigo é considerar a escrita de *prompts* como uma forma funcional de tradução intersistêmica, na medida em que exige interpretar uma intenção humana e vertê-la em uma instrução legível para máquinas de linguagem. Trata-se de uma operação que guarda afinidade estrutural com o ato tradutório, especialmente nas suas formas mais criativas e interpretativas.

A analogia entre *promptismo* e tradução pode ser melhor compreendida ao se observar as estruturas que definem cada prática. No modelo tradicional, o tradutor realiza a passagem entre uma língua de partida e uma língua de chegada, mediando sentidos, registros e contextos culturais em função de um leitor humano. Já no *promptismo*, o que se traduz é a intenção do usuário em uma instrução textual codificável para um sistema algorítmico, cujo “destinatário” é um modelo computacional estatístico. A língua de partida continua sendo a linguagem natural, mas a de chegada se aproxima de um código interpretável por arquiteturas neurais. O *prompt* atua como uma ponte semiótica entre esses dois regimes.

Enquanto na tradução tradicional o foco está na recepção semântica pelo leitor, no *promptismo* o foco está na eficácia operacional da saída gerada, o *output*. O canal, nesse caso, é uma interface de linguagem treinada por aprendizado profundo (*deep learning*), que interpreta probabilisticamente o enunciado conforme padrões extraídos de corpora massivos. Trata-se, portanto, de uma tradução intersistêmica, que preserva o núcleo interpretativo da mediação linguística, mas desloca seu horizonte comunicativo para uma máquina que “compreende” de forma estatística, e não semântica.

Esta leitura encontra respaldo também nas discussões contemporâneas sobre pensamento computacional. Foohs (2023) argumenta que a linguagem de programação pode ser vista como meio de “traduzir abstrações para que os computadores compreendam”, o que reforça a ideia de que há uma transposição entre lógicas comunicacionais distintas. A escrita de *prompts* exige essa transcodificação entre intencionalidades humanas e estrutura algorítmica, configurando-se como prática tradutória interlinguística e interformal. Como observado por

Fagundes (2023), em materiais introdutórios de lógica computacional, a escrita de código já implica traduzir abstrações em estruturas formais.

Tal aproximação entre *promptismo* e tradução encontra eco em autores como Walter Benjamin (1984), Antoine Berman (1999) e Lawrence Venuti (2008), que entendem a tradução não como simples reprodução, mas como gesto criativo e reescritura crítica. Sara Barrena (2004), inspirando-se em Peirce, reforça que traduzir é sempre interpretar: produzir um novo signo (o interpretante) a partir do original. A tradução, segundo ela, é uma atividade criativa por excelência, pois não se resume à correspondência lexical, mas exige abdução, inferência e imaginação para encontrar o equivalente expressivo. Essa concepção é especialmente útil para compreender por que escrever bons *prompts* não é uma atividade mecânica.

Como enfatiza Souza (2023), a prática tradutória requer continuamente decisões criativas frente à ambiguidade — algo que se repete nos sistemas generativos. O *prompt* eficaz não é aquele que instrui de forma literal, mas sim aquele que, como uma boa tradução, gera o efeito desejado no destinatário. E, nesse caso, o destinatário é um modelo algorítmico, com funcionamento probabilístico e dependente de dados de treinamento.

Michaël Oustinoff (2003) também defende que a tradução envolve operações literárias e simbólicas que não se esgotam no plano da codificação. Para ele, não se pode separar a tradução da dimensão cultural e criativa que a constitui. Ao aplicar esse raciocínio ao contexto do *promptismo*, torna-se evidente que a elaboração de instruções para IAs exige não apenas domínio linguístico, mas também sensibilidade estética, conhecimento de gêneros discursivos e imaginação narrativa sobretudo quando o objetivo é gerar conteúdo em áreas como design, *storytelling*, publicidade ou análise textual.

Essa aproximação também permite traçar um paralelo entre a escrita de *prompts* e a tradução literária. Ambas requerem escuta atenta da intenção, domínio técnico da forma e liberdade criativa para reinventar a mensagem dentro de novos parâmetros. Como bem expressa Barrena (2004), a tradução não se resume a uma transferência de conteúdo, mas envolve a recriação do “*ground*” semiótico — o modo como o signo se liga ao mundo. O *promptista*, nesse sentido, atua como um tradutor de intenções para linguagens formais, configurando-se como autor de um texto que visa um leitor-máquina.

Além disso, a relação entre sintaxe natural e sintaxe computacional explorada por Foohs (2023) contribui para o entendimento de que escrever *prompts* implica modularizar ideias

humanas em estruturas compreensíveis por sistemas operacionais. A abstração, tão central no raciocínio computacional, aqui se apresenta como capacidade tradutória: o profissional da linguagem sintetiza contextos em instruções acionáveis, em um processo que combina lógica e pragmatismo comunicacional. A similaridade entre a sintaxe das premissas lógicas e a composição de comandos em linguagens de programação também revela que redigir comandos para IA é um gesto que se situa entre a tradução e a engenharia discursiva (Fagundes, 2023).

Ao considerar esse deslocamento da tradução para territórios computacionais, não se trata de opor humanismo e técnica, mas de reconhecer que a lógica tradutória se expande, em vez de se extinguir. A função comunicativa — central na concepção de Souza (2023) — permanece, mas agora em novas interfaces e formatos. A linguagem continua sendo um ato de mediação entre mundos, ainda que o “mundo” de destino seja o de um sistema probabilístico que precisa ser guiado por comandos otimizados. Traduzir, hoje, pode significar também projetar, fazer curadoria, experimentar e dialogar com inteligências artificiais em um novo regime interacional.

Nesse regime, criatividade, contexto e inferência não seriam apenas recursos desejáveis, mas condições de possibilidade para que a medição ocorra com sucesso. A próxima seção explora como essas transformações têm afetado o perfil e a atuação dos profissionais da linguagem, que se veem agora diante da tarefa de migrar — ou ampliar — suas competências para um novo campo de atuação: o da tradução simbólica entre humanos e sistemas computacionais.

Profissionais da linguagem: reconfiguração de papéis?

A emergência do *promptismo* no ecossistema computacional tem gerado uma reconfiguração significativa nos papéis ocupados pelos profissionais da linguagem. A já mencionada “inversão da pirâmide criativa” — metáfora amplamente difundida em ambientes profissionais digitais — propõe que o valor simbólico, outrora concentrado na execução técnica, passou a se concentrar na concepção estratégica. Em vez de dominar exclusivamente *softwares* como Photoshop ou linguagens de programação, os profissionais mais valorizados hoje são aqueles que conseguem formular comandos, narrativas e intenções de maneira estruturada e

compreensível para sistemas automatizados. Trata-se de uma mudança de ênfase: do fazer para o dirigir, do executar para o instruir, do operacional para o simbólico.

Esse novo arranjo se manifesta em cargos emergentes como “engenheiro de *prompt*”, “*AI interaction strategist*”, “*AI content designer*” e “*AI communicator*” — termos que ainda carecem de delimitação institucional, mas já circulam no mercado com exigências que incluem clareza textual, domínio contextual, pensamento lógico e sensibilidade cultural. Segundo levantamento da ProfileTree (2023b), houve um aumento de mais de 400% em ofertas de emprego relacionadas ao design de *prompts* desde 2022. A Coursera (2023), por sua vez, indica que apenas 12% dos usuários conseguem obter bons resultados logo nas primeiras tentativas com IAs generativas, o que sugere que a competência discursiva e interpretativa é rara, mesmo entre usuários tecnicamente familiarizados com as ferramentas.

Essa demanda por novas competências levanta, no entanto, um conjunto de tensões. Em primeiro lugar, a concentração cognitiva observada por Ludermir (2021) evidencia que as estruturas de poder técnico-científico continuam a marginalizar saberes linguísticos, culturais e pedagógicos. Os profissionais da linguagem — tradutores, professores, redatores, curadores — raramente são protagonistas nos projetos de desenvolvimento de IA. Ainda que a mediação simbólica que realizam esteja no cerne do sucesso dos sistemas generativos, sua atuação tende a ser invisibilizada ou absorvida sob outras nomenclaturas técnicas.

O cenário é paradoxal: de um lado, as competências tradicionais das áreas de Letras, Tradução, Comunicação e Educação são cada vez mais necessárias para a qualidade dos *outputs* gerados por IA. De outro, essas competências vêm sendo fragmentadas e redistribuídas em funções técnicas, muitas vezes desvinculadas de suas origens disciplinares. O resultado é um apagamento institucional no qual a linguagem permanece central, mas os profissionais do campo linguístico tornam-se periféricos.

A hipótese de que estamos diante da emergência de um “tradutor intersistêmico” — figura capaz de mediar não apenas entre línguas naturais, mas entre sistemas simbólicos e computacionais — apresenta-se aqui como possibilidade de reconfiguração identitária. Mas essa figura ainda é incipiente e precisa ser politicamente construída. A formação superior nas áreas de linguagem, por exemplo, ainda não reconhece plenamente esse novo campo de atuação. Como observa Dantas (2024), há uma defasagem entre as práticas comunicacionais reais e os

currículos oferecidos nos cursos de Letras, o que pode comprometer a inserção crítica desses profissionais nos ecossistemas digitais.

Nesse contexto, o *promptismo* poderia ser lido tanto como uma janela de valorização quanto como uma armadilha de desintegração. Se por um lado ele demanda capacidades historicamente desenvolvidas nas ciências da linguagem, por outro não garante reconhecimento simbólico nem institucional a esses saberes. A ausência sistemática de tradutores, linguistas e pedagogos nos espaços de decisão sobre IA — como argumenta Ludermir (2021) — aponta para uma exclusão estrutural, mesmo quando sua competência é incorporada funcionalmente.

O desafio, portanto, não seria apenas aprender a escrever bons *prompts*, mas disputar a narrativa sobre quem tem autoridade para mediar simbolicamente o futuro das interfaces homem-máquina. A consolidação do “tradutor intersistêmico” como nova identidade profissional demandaria, para além do domínio técnico, um esforço coletivo de visibilidade, articulação interdisciplinar e engajamento político. As implicações desse processo para os campos de formação, regulação e atuação profissional ainda precisam ser analisadas mais detidamente, mas sua emergência já indica que a linguagem, longe de ser obsoleta na era da IA, tornou-se seu verdadeiro operador simbólico. A próxima seção examinará justamente as implicações educacionais e éticas dessa transição.

Embora o artigo defenda que profissionais da linguagem estão particularmente bem posicionados para lidar com o *promptismo*, isso não significa exclusividade. A vantagem desses profissionais reside no domínio de competências historicamente desenvolvidas em campos como tradução, retórica, linguística e análise discursiva — como a capacidade de lidar com ambiguidade, adaptar registros e planejar atos comunicativos com intencionalidade. No entanto, à medida que a IA generativa se torna mais presente em contextos interdisciplinares, espera-se que a habilidade de escrever *prompts* eficazes seja incorporada em diversas áreas, da engenharia à educação, passando pelo marketing, direito e gestão pública (De Paula, 2025). O *promptismo*, nesse sentido, deve ser compreendido como uma competência transversal, mas com raízes comunicacionais profundas que favorecem aqueles habituados a operar entre sistemas de sentido e campos de mediação simbólica.

Implicações Éticas e Educacionais

Se o *promptismo* representa uma nova forma de letramento computacional, é preciso reconhecer que essa competência não está sendo distribuída de forma equitativa. Embora o discurso dominante aponte para uma suposta democratização da criatividade mediada por IA, os dados e as práticas revelam um cenário desigual. Como observam Ramos, Santos e Silva (2023), mesmo em instituições com acesso às ferramentas, a formação para o uso efetivo da inteligência artificial permanece incipiente, marcada por lacunas pedagógicas, ausência de diretrizes claras e desconhecimento dos princípios operacionais desses sistemas. Isso indicaria que o domínio do *promptismo*, longe de ser uma habilidade universal, estaria se tornando um marcador de distinção cognitiva e social.

Essa assimetria se acentua quando observamos quem está sendo formado e para quê. De modo geral, os cursos de Letras, Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEA-NI) e Comunicação Social ainda não incorporaram de forma sistemática os debates sobre mediação computacional, design de linguagem para IA e escrita orientada por lógica algorítmica — um campo que permanece, em grande parte, ausente dos currículos formais, conforme apontado por Dantas (2024). Como observa o mesmo autor, há um descompasso entre as práticas comunicacionais emergentes e os currículos tradicionais, o que compromete a inserção crítica dos profissionais da linguagem em ecossistemas digitais.

Essa lacuna foi evidenciada de maneira prática por Gonçalves (2023), em seu relatório de estágio realizado no setor de comunicação de uma empresa de moda esportiva. A autora relata como foi desafiada a empregar ferramentas de inteligência artificial em tarefas de tradução, criação de conteúdo e estratégias digitais — competências que extrapolam a formação tradicional em linguagem e demonstram o alargamento das exigências do campo profissional. Sua experiência explícita não apenas a presença da IA no cotidiano da atuação linguística, mas também a ausência de uma preparação institucional sistemática para lidar criticamente com essas ferramentas. O caso ilustra, assim, a necessidade de uma atualização curricular que considere o ecossistema computacional como parte do repertório formativo das ciências da linguagem.

Trata-se, portanto, não apenas de uma questão técnica, mas de um desafio formativo que implica decisões políticas e epistemológicas. A ausência de resposta institucional pode implicar uma perda significativa: se os campos das Humanidades não ocuparem o espaço simbólico e

formativo que lhes é devido nesse novo regime de mediação, correm o risco de serem reduzidos a funções acessórias ou de desaparecimento curricular. Michael Cronin (2013) alerta que a tradução, entendida como prática crítica de mediação, corre o risco de ser instrumentalizada pelas plataformas digitais, esvaziada de seu conteúdo ético e cultural. Nesse cenário, a obsolescência curricular não é apenas um risco teórico, mas uma realidade tangível: o apagamento da dimensão simbólica da linguagem compromete não apenas a formação de profissionais, mas a própria capacidade de leitura crítica da sociedade em rede.

Por outro lado, a mesma prática tradutória pode oferecer um caminho para resistir a essa lógica instrumentalizante. A tradução, sobretudo em sua dimensão intersistêmica, apresenta uma competência formativa por excelência: exige negociação de sentidos, pensamento metalinguístico, atenção ao contexto e capacidade de articular códigos distintos, exatamente as habilidades exigidas pelo *promptismo*. Como defende Cronin (2013), viver na era digital é, em última instância, viver na era da tradução. Ao pensar a linguagem como tecnologia e como mediação simbólica, cursos de Letras, LEA-NI e Comunicação Social podem contribuir não apenas com a capacitação técnica, mas com a formação crítica de sujeitos capazes de habitar, e intervir, nos sistemas computacionais, com responsabilidade e sensibilidade.

Nesse sentido, a inclusão do *promptismo* nos currículos dessas áreas não deveria ocorrer como adesão acrítica à tendência do mercado, mas como reapropriação reflexiva de um campo que já lhes pertence: o da mediação entre mundos, sistemas e saberes. Mais do que formar técnicos da linguagem, trataria-se de formar tradutores simbólicos em tempo real, capazes de escrever, interpretar, modelar e questionar as interfaces que organizam a vida digital contemporânea. Essa transformação curricular, ainda em disputa, poderia ser o ponto de inflexão necessário para reposicionar os estudos da linguagem no centro das decisões sobre o futuro da comunicação humano-máquina.

Disciplinas como Tradução, Práticas Textuais, Multiletramentos e Tecnologias da Comunicação poderiam abrigar módulos específicos de engenharia de *prompts*, nos quais os alunos seriam desafiados a redigir instruções em diferentes registros, com diferentes finalidades (ex. sumarização, criação narrativa, adequação discursiva, análise de dados etc.). Tais atividades poderiam integrar estudos de caso, exercícios de análise crítica das respostas geradas e simulações de mediação humano-máquina em contextos diversos (como ensino multilíngue, marketing, ou acessibilidade comunicativa). Avaliar a proficiência nesse letramento não

depararia apenas da eficácia da resposta obtida, mas da capacidade do aluno de refletir criticamente sobre os efeitos, os vieses e os limites da interação com a IA. Assim, formar para o *promptismo* é também formar para uma leitura crítica das tecnologias, em consonância com a concepção de letramento como prática social situada (Soares, 2004).

Considerações finais

Este artigo partiu da hipótese de que a lógica da tradução como prática de mediação simbólica entre códigos, culturas e sistemas está sendo transposta para os ecossistemas computacionais contemporâneos, especialmente com a emergência do *promptismo*. A discussão procurou demonstrar que a escrita de *prompts* eficazes exige habilidades tradicionalmente associadas aos campos da linguagem: clareza discursiva, sensibilidade contextual, domínio metalinguístico e pensamento estruturado. Contudo, ao contrário da suposição otimista de que isso reposicionaria os profissionais das Letras e da Comunicação, constatou-se que sua atuação permanece periférica ou fragmentada nas estruturas que organizam o uso da IA generativa.

A revalorização da linguagem na era dos sistemas generativos não implica necessariamente a valorização de seus profissionais. Embora o *promptismo* demande competências críticas, interpretativas e criativas, comuns ao ofício tradutório, seu reconhecimento institucional ainda é incipiente. A figura do “tradutor intersistêmico” delineada ao longo do artigo permanece mais como uma proposta em disputa do que como realidade consolidada. Diante disso, recomenda-se que pesquisadores dos estudos da linguagem, da tradução e da comunicação ampliem suas investigações sobre a mediação humano-máquina. Além disso, é necessário que instituições de ensino superior reavaliem seus currículos e reconheçam no *design* de linguagem computacional um campo legítimo de formação crítica, e não apenas técnica.

Do ponto de vista formativo, isso implica a necessidade de uma pedagogia específica para o letramento em *promptismo*. Tal letramento pode se materializar em diferentes contextos curriculares: em cursos de Tradução, como exercícios de adaptação textual mediados por IA; em Comunicação, como projetos de *storytelling* multimodal; em Educação, como práticas de curadoria didática personalizadas; e, em contextos interdisciplinares, como a análise crítica de

outputs em função de critérios éticos e discursivos. A avaliação desse letramento não deveria se restringir à eficiência técnica do resultado, mas considerar também a clareza argumentativa, a adequação pragmática e a capacidade de interagir criticamente diante das respostas algorítmicas.

Nesse cenário, cabe enfatizar que o *promptismo* não é exclusivo dos profissionais da linguagem: engenheiros, designers, cientistas de dados e juristas também vêm desenvolvendo essa competência em suas práticas cotidianas. O diferencial dos especialistas em Letras, Tradução e Comunicação reside na sensibilidade já cultivada para lidar com ambiguidade, registro e nuance discursiva, elementos decisivos quando a mediação envolve tanto interlocutores humanos quanto arquiteturas algorítmicas. Assim, o desafio não estaria em reivindicar exclusividade, mas em assumir um protagonismo estratégico no desenvolvimento de práticas críticas e criativas de interação com sistemas generativos.

Ficam como perspectivas futuras: o aprofundamento empírico sobre como profissionais da linguagem estão - ou não - sendo inseridos em ambientes computacionais; a investigação dos impactos pedagógicos da IA nos processos de formação textual; e a construção coletiva de uma epistemologia da mediação intersistêmica. Longe de representar uma ruptura, a expansão da lógica tradutória para os sistemas digitais aponta para a permanência, ainda que transformada, da linguagem como tecnologia de mediação simbólica. O desafio não é apenas adaptar-se a essa transição, mas disputar seus sentidos e rumos com lucidez, criatividade e posicionamento crítico.

Referências

AGUIAR, Datan Azevedo; SANTANA, Wesley Jorge Gomes de Souza. Inteligência artificial, as limitações da linguagem natural e seus impactos: estado da arte. In: **Revista Americana de Empreendedorismo e Inovação**, Paranaguá, v. 5, n. 1, jul. 2023. DOI: <https://doi.org/10.33871/26747170.2023.5.1.7423>. Acesso em: 12 jan. 2026.

BARRENA, Sara. La traducción, una actividad creativa. **Hikma** – Revista de Traducción, n. 3, p. 199–216, 2004. Disponível em: <https://revistas.uca.es/index.php/hikma/article/view/2702>. Acesso em: 21 jun. 2025.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. In: BENJAMIN, Walter. **Iluminations**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

BERMAN, Antoine. **La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain**. Paris: Seuil, 1999.

CÍCERO, Marcus Tullius. **De optimo genere oratorum**. Harvard University Press, 1949. Disponível em: <https://data.perseus.org/catalog/urn:cts:latinLit:phi0474.phi041>. Acesso em: 18 dez. 2025.

COURSERA. **Prompt engineering for chatbots**. *Coursera*, 2023. Disponível em: <https://www.coursera.org/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

CRONIN, Michael. **Translation in the Digital Age**. London: Routledge, 2013.

DANTAS, Wilker Formiga. **O papel do tradutor na era da inteligência artificial e o trato com a subjetividade**. Monografia (Graduação em Letras – Língua Inglesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2024. Disponível em: [WILKER FORMIGA DANTAS. MONOGRAFIA LETRAS - LÍNGUA INGLESA. CFP 2024.pdf](#). Acesso em: 20 jun. 2025.

DE PAULA, A. A engenharia de prompt para pesquisa: continuando a conversar com a inteligência artificial. **I seminário sobre inteligência artificial e suas aplicações na pesquisa acadêmica**, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/ZENODO.15069536>. Acesso em: 20 jun. 2025.

EYMAR, Alex. Prompt engineering: uma nova forma de criatividade digital. [Entrevista concedida ao] **Portal G1**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

FAGUNDES, Wellington Aparecido. **1 – Introdução à lógica**. Universidade de Vassouras, 2023. Disponível em: <https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-de-vassouras/desenho-basico/1-introducao-a-logica/75104595>. Acesso em: 20 jun. 2025.

FOOHS, Luciana. Linguagem natural, pensamento computacional e desenvolvimento cognitivo. **SEVENEDU** – Revista Científica da Faculdade Sete de Setembro, v. 3, n. 6, p. 6–26, 2023.

GONÇALVES, Sara Liliana Rodrigues. **O papel da inteligência artificial na comunicação, no marketing e na tradução** – estágio na BYMS. 2023. Relatório de Estágio (Mestrado em Tradução e Comunicação Multilíngue) – Universidade do Minho, Braga, 2023.

GRAND VIEW RESEARCH. **Prompt engineering market size and share report, 2030**. San Francisco: Grand View Research, 2023. Disponível em: <https://www.grandviewresearch.com>. Acesso em: 10 jun. 2025.

JAKOBSON, Roman. On linguistic aspects of translation. *In*: BROWER, Reuben A. (ed.). **On Translation**. Cambridge, MA: Harvard University Press, p. 232–239, 1959.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

LUDERMIR, Teresa Bernarda. Inteligência Artificial e Aprendizado de Máquina: estado atual e tendências. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 35, n. 101, p. 29–48, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/wXBdv8yHBV9xHz8qG5RCgZd/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

NUNES, Lidiane; SILVA, Cláudio. A engenharia de prompt para pesquisa com uso de IA generativa. **Anais do Congresso Internacional de Linguística Aplicada**, v. 3, n. 1, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.15069536> . Acesso em: 22 dez. 2025.

OUSTINOFF, Michaël. **La traduction comme moyen de communication interculturelle**. Paris: La Documentation Française, 2003.

POLARIS Market Research. **Prompt engineering market size, share & trends analysis report, 2023–2032**. [S.l.]: Polaris, 2023. Disponível em: <https://www.polarismarketresearch.com>. Acesso em: 15 jun. 2025.

PROFILETREE. **What is prompt engineering? The future of writing for AI**. Dublin: ProfileTree, 2023a. Disponível em: <https://www.profiletree.com>. Acesso em: 10 jun. 2025.

PROFILETREE. **The rise of prompt engineering: why it's the most in-demand AI skill**. Dublin: ProfileTree, 2023b. Disponível em: <https://profiletree.com/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

RAMOS, Ana Carolina; SANTOS, Gabriela Oliveira; SILVA, Diego Oliveira. O uso da engenharia de prompts e seu impacto nas práticas educacionais. **Revista Brasileira de Tecnologias Educacionais**, v. 12, n. 2, p. 88–103, 2023.

SOARES, Magda Becker. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5–17, 2004. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27502502> . Acesso em: 21 jan. 2026.

SOUZA, Franciane de Jesus. **Tradução, interpretação e criatividade: a função comunicativa na mediação entre línguas e saberes diversos**. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufal.br/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

STEFANINI. **PNL: entenda o que é o processamento de linguagem natural**. Stefanini Brasil, 2019. Disponível em: <https://stefanini.com/pt-br/insights/artigos/o-que-e-processamento-de-linguagem-natural>. Acesso em: 12 jan. 2026.

VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility: a history of translation**. 2. ed. London: Routledge, 2008.